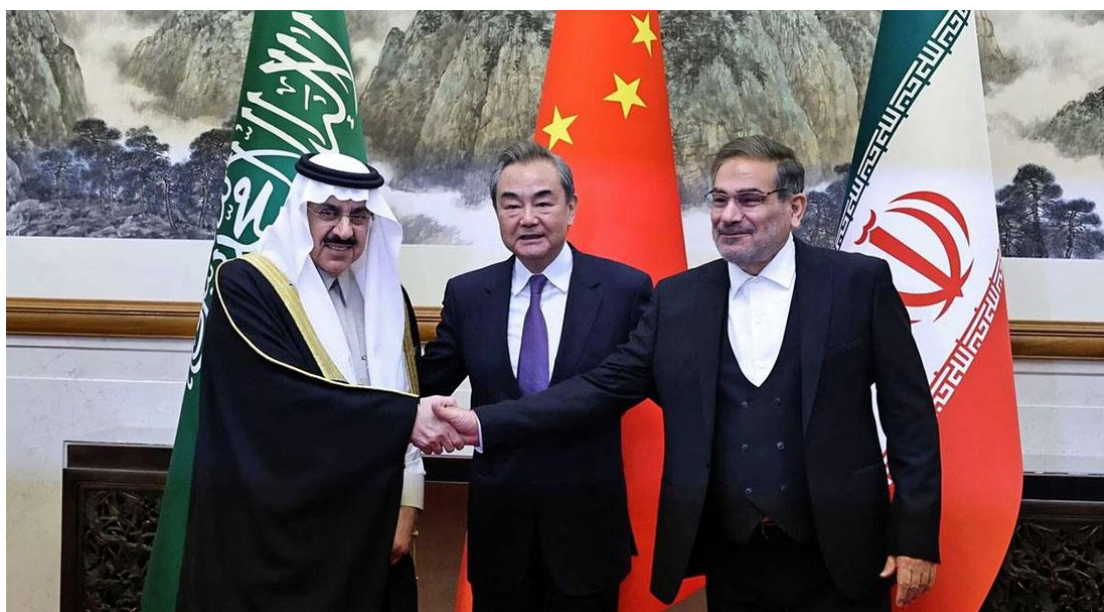


A CONVERGÊNCIA IRÃ-ARÁBIA SAUDITA, PARTE 1: UM JOGO GANHA-GANHA

Por Hamid Hajizadeh*



Wang Yi, (centro), principal autoridade da política externa da China, com Ali Shamkhani, (dir.), secretário do Conselho de Segurança do Irã, e Musaad bin Mohammed Al Aiban, ministro de Estado da Arábia Saudita, em Pequim (China Daily via Reuters).

Arábia Saudita e Irã são dois países grandes e influentes na região de petróleo e gás do mundo. Ambos tentam desempenhar papel ativo através de profundidade estratégica. A convergência dos dois pode ter grande impacto na paz da região e por isso é importante para os países do Oriente Médio.

O INÍCIO DA TENSÃO NAS RELAÇÕES IRÃ-ARÁBIA SAUDITA

Conhecer a história tem a vantagem de que os governantes sempre podem evitar repetir os erros do passado. A tensão entre o Irã e a Arábia Saudita começou com um incidente que a mídia iraniana hoje em dia considera um erro. É por isso que é importante saber do fato.

A tensão remonta a um incidente ocorrido no Irã no segundo dia de 2016. Nesse dia, um grupo no Irã atacou a embaixada saudita em Teerã e o consulado saudita em Mashhad, e ateou fogo em partes da embaixada. Embora a manifestação de protesto tenha sido feita pelo BASIJ, e tenha recebido permissão para isso do governo, e o BASIJ faça parte do Corpo da Guarda Revolucionária Islâmica (IRGC), a mídia do Irã chamou-a de ação arbitrária. Em protesto contra a execução do clérigo xiita Sheikh Baqir Al-Nimr pelos governantes de Al-Saud, este grupo atacou

a embaixada saudita à noite, incendiou o prédio com coquetéis *molotov* e destruiu a propriedade.

Essa ação desferiu um duro golpe na estratégia diplomática iraniana; as consequências do ataque foram sentidas pelo sistema diplomático do Irã por muitos anos e todas as relações diplomáticas entre o Irã e a Arábia Saudita foram cortadas desde então. Foi quando o Sr. Amir Abdolhiyan, ex-departamento árabe-africano do Ministério das Relações Exteriores do Irã, anunciou pela primeira vez a existência de um documento no ministério, que mostrava que a Arábia Saudita estava ciente do ataque à sua embaixada em Teerã. Amir Abdolhiyan, em uma declaração ponderada, disse a uma agência de notícias iraniana: “Na história da embaixada saudita em Teerã, a análise e avaliação mostram que as pessoas que incendiaram a embaixada atirando coquetéis molotov não eram pró-governo e BASIJ, mas sim ‘infiltrados’ que o faziam completamente guiados.”

Abdolhiyan citou uma razão para chamar os agentes do ataque como infiltrados: “Estou dizendo isso porque a embaixada saudita havia notificado este incidente uma semana antes e havia vendido todos os seus veículos diplomáticos; claro, o documento sobre o assunto está disponível no Ministério das Relações Exteriores. Vale ressaltar também que, nessas circunstâncias, a embaixada ainda não havia sido incendiada, nada havia acontecido e o aiatolá Nimr não havia sido executado. Abdolhiyan ainda revelou aspectos mais interessantes deste cenário e acrescentou: “O ponto interessante é que esta nota foi enviada a algumas embaixadas no Irã que têm relacionamento próximo com eles, não embaixadas que têm relacionamento próximo com a República Islâmica do Irã. O embaixador de uma delas me deu a foto da nota durante um encontro comigo e disse que esta nota foi enviada a eles. Mas, ao mesmo tempo, os sentimentos puros do povo iraniano e sua raiva pelo comportamento da Arábia Saudita no incidente de Mena (no qual vários peregrinos iranianos foram mortos na Arábia Saudita), a falta de responsabilização no incidente e a execução do aiatolá Nimr deram oportunidade para que agentes influentes usassem a situação para abusar.”

O Sr. Abdolhiyan é agora o Ministro das Relações Exteriores do Irã, e considerando a convergência do Irã e da Arábia Saudita, não é improvável que ele seja convidado pela Arábia Saudita para uma viagem diplomática em breve.

Não apenas a história dos participantes desse assalto era estranha, mas também seu julgamento foi complicado. O promotor de Teerã anunciou a prisão de 40 agressores no dia seguinte ao incidente, mas esse número diminuiu com o tempo. No ano seguinte, foi anunciado o número de 21 pessoas presas, e o caso de uma delas foi encaminhado ao tribunal especial do clero devido à sua condição clerical. Quanto às outras 20 pessoas, 13 foram condenadas a dois anos de prisão e cinco foram condenadas a seis meses de prisão. Apesar de quase todas as autoridades do país terem condenado este ataque com tom forte, isso não foi condizente com as sentenças leves do tribunal. Outro ponto foi que os nomes de nenhum dos acusados e condenados não foram anunciados, exceto uma pessoa. Ou seja, até hoje não está claro a quem foram proferidas as condenações leves, quem apoiou os agressores e com que motivação eles agiram.

NOVA DESESCALADA NO RELACIONAMENTO

As relações entre Irã e Arábia Saudita ganharam novo fôlego com a assinatura de um acordo após sete anos de tensão com a mediação da China há poucos dias. Foi inclusive anunciado que os países abrirão embaixadas nos próximos dois meses. O ministro das Relações Exteriores da Arábia Saudita, Faisal bin Farhan, diz que está se preparando para se encontrar com seu homólogo iraniano Hossein Amir Abdolhiyan. Os sauditas acreditam que um dos requisitos mais importantes para criar uma nova página de relacionamento com Teerã é a adesão ao acordo bilateral e à declaração tripartite de Teerã, Riad e Pequim.

O recente acordo enfrentou muitas reações internacionais e foi amplamente refletido em vários meios de comunicação. Embora o reflexo desse desenvolvimento diplomático não tenha recebido muita atenção em alguns meios de comunicação sauditas, houve inclusive especulações na mídia de que os sauditas não o receberiam bem, mas a convergência aconteceu.

No entanto, não há nenhuma crítica séria ao acordo no Irã, e até mesmo uma parte do governo que sempre pintou uma imagem da Arábia Saudita como inimiga se depara com a questão de por que fez com que sete anos de oportunidades fossem desperdiçados.

O reflexo deste acordo em nível regional e internacional mostra que ele pode ter bons efeitos. Amr Moussa, ex-secretário-geral da Liga Árabe, considera o retorno das relações Irã-Arábia Saudita um passo positivo e acredita que o restabelecimento das relações diplomáticas entre os dois países é um passo importante que mostra pensamento estratégico avançado, rapidez e flexibilidade. Ele acredita que os efeitos desse acordo podem ser vistos no Líbano, Iraque, Síria, Iêmen e Magrebe. Moussa afirmou: “Não há dúvida de que Washington se beneficiará deste grande desenvolvimento gerado pela política de mediação bem-sucedida da China entre o inimigo número 1 da atual política americana (o Irã) e seu amigo íntimo número 1 (a Arábia Saudita). Todos estão surpresos.

O *Arab News*, uma mídia influente, escreveu em uma análise sobre isso: “Embora as tensões entre a Arábia Saudita e o Irã ainda não tenham terminado, este acordo pode ser o começo do fim das tensões na última década. Ele está de acordo com o que o príncipe herdeiro saudita Mohammed bin Salman disse ao *The Atlantic* há um ano – que vemos o Irã como um vizinho e que resolver problemas é do interesse de ambos os lados. O acordo tem uma variedade de razões. O principal fator é que a Arábia Saudita segue uma abordagem de política externa que se baseia principalmente na redução das tensões, no fim das disputas e na restauração da estabilidade.” O *Arab News* acredita que se o Irã tiver intenções sinceras de reduzir as tensões e acabar com as disputas na região, talvez seus resultados sejam revelados no Iêmen. A China será a fiadora da implementação do acordo pelo Irã e, se o Irã não o cumprir, perderá.

O jornal *Akaz* da Arábia Saudita também escreveu em uma análise sobre isso: “Desde o anúncio da visão de 2030, Mohammed bin Salman está ansioso para enfatizar que o Reino cooperará política e economicamente com o Irã, sempre que Teerã decidir abandonar as ‘exportações da revolução’”.

O jornal *Al-Riyadh* também trouxe uma visão positiva do acordo e escreveu em seu editorial: “Não há melhor maneira que o diálogo para alcançar pontos de vista comuns entre países e um acordo de coexistência e boa vizinhança, e foi isso que aconteceu ontem. Em outra análise, o *Al-Riyadh* escreveu: “O príncipe herdeiro da Arábia Saudita alcançou grande progresso ao restaurar relações normais com a República Islâmica do Irã.”

OS VENCEDORES DESTA DEESCALADA

Talvez o primeiro vencedor deste acordo possa ser considerado o Irã, que está em uma situação econômica difícil devido às sanções, a taxa de inflação está próxima de 50% e o valor de sua moeda nacional está diminuindo dia a dia. A opinião pública no Irã acredita que as condições econômicas do país vão melhorar com a desescalada. Mesmo que essa ideia não seja correta, mas o anúncio do acordo teve boas consequências nos parâmetros de mercado no Irã: como resultado da notícia, a taxa de paridade do Dólar em relação ao Rial iraniano caiu 20%. O governo do Irã, que enfrenta protestos de rua há meses, sabe muito bem que melhorar as difíceis condições econômicas pode ser eficaz para reduzir os protestos, especialmente em uma situação em que seus grupos de oposição no exterior estão consultando e recentemente até preparando um rascunho de manifesto de um período de transição.

A Arábia Saudita também persegue interesses neste acordo. O país está envolvido na guerra do Iêmen há nove anos e, durante esse período, apesar do apoio de alguns países árabes, não conseguiu concluir o trabalho em benefício de seus apoiadores no Iêmen. Além disso, os ataques houthi no Iêmen às instalações petrolíferas sauditas prejudicaram repetidamente a economia daquele país. Embora esses ataques não tenham sido extensos, pelo menos uma vez tiveram grande impacto nas ações de dois bilhões de dólares da Aramco Oil Company. O prejuízo de um desses ataques, que pode se repetir no futuro, foi estimado em dezenas de bilhões de dólares. O acordo com os houthis iemenitas e a solução do problema da Arábia Saudita neste pântano pode ser uma das conquistas mais importantes do acordo com o Irã.

O povo do Iêmen, que durante anos enfrentou muitos problemas devido à guerra, derramamento de sangue e fome, espera por esse acordo. Eles esperam que os dois países, Irã e Arábia Saudita, tenham seus representantes por perto à mesa de negociações. Devido à interferência de outros países, o problema do Iêmen nunca teve solução militar, sendo a única solução política e referente aos votos de todo o povo iemenita.

Resolver os problemas políticos entre o Irã e a Arábia Saudita pode inclusive ter um efeito positivo também na paz política de países como o Líbano e a Síria. Este acordo também é aceitável para os países da região. O Iraque, que sediou várias rodadas de negociações de reconciliação entre a Arábia Saudita e o Irã desde 2021, acolheu este acordo. A declaração do Ministério das Relações Exteriores do Iraque afirma: Uma nova página foi aberta nas relações diplomáticas entre os dois países.

Uma das posições mais notáveis é a dos Emirados Árabes Unidos, um aliado militar da Arábia Saudita no Iêmen que ao mesmo tempo manteve boas relações econômicas com o Irã nas últimas décadas. Anwar Gargash, ex-Ministro de Estado para Assuntos do Conselho Nacional Federal dos Emirados Árabes Unidos, também saudou o acordo e o papel da China em alcançá-lo, e escreveu no Twitter: “Os Emirados Árabes Unidos reconhecem a importância da comunicação positiva e do diálogo entre os países da região para consolidar os conceitos de boa vizinhança e partir de um terreno comum para construir um futuro mais estável.”

Em comunicados, não apenas as Nações Unidas agradeceram à China por sediar as negociações entre o Irã e a Arábia Saudita, mas também Omã, Catar, Autoridade Palestina, Bahrein, Turquia, Egito, Hezbollah do Líbano e Kuwait avaliaram o acordo positivamente.

Por outro lado, ao contrário do que dizem alguns especialistas, o acordo não foi sem propósito para os EUA. O porta-voz da Casa Branca, Kirby, disse a repórteres: “Os sauditas nos informaram sobre essas negociações, assim como nós os informamos sobre nossas interações, mas não estávamos diretamente envolvidos.” Ele disse à agência de notícias *Reuters*: “Em geral, saudamos qualquer esforço para ajudar a acabar com a guerra no Iêmen e reduzir a tensão na região do Oriente Médio. Desescalada e diplomacia, juntamente com dissuasão, são os principais pilares da política que Biden expressou durante sua visita à região no ano passado.”

**Hamid Hajizadeh é jornalista iraniano, escritor e poeta persa residente nos Emirados Árabes Unidos. Hamid é analista político e especialista em Turquia, Afeganistão e nos países do Golfo Pérsico. É formado em engenharia econômica e apresentador-especialista em programas de rádio do Irã.*
